

Morar

Os edifícios São Vito e Mercúrio reinaram imponentes na paisagem da Baixada do Glicério, no centro de São Paulo, por pouco mais de 50 anos, contrastando com a baixa altura dos imóveis vizinhos. Monumentais, formavam um imenso obelisco fincado na várzea do rio Tamanduateí, em frente ao Mercado Municipal. Na década de 1950, quando foram inaugurados, a cidade passava por uma fase de intenso crescimento demográfico¹, e os dois edifícios-monumento foram construídos com o objetivo de abrigar a massa de migrantes, a maior parte de baixa renda, que chegava à cidade. Somados, contavam 776 apartamentos, com tamanho médio de 30 metros quadrados², que, localizados próximos ao local de trabalho da maioria desses trabalhadores, garantiriam a permanência dos mesmos na região, reduzindo assim o custo do seu deslocamento diário.

Entretanto, como aconteceu em muitas das grandes metrópoles do mundo na mesma época, São Paulo acompanhou, nas décadas que se seguiram, uma expansão da sua mancha urbana para a periferia, e a desocupação e desvalorização de seus centros históricos, processo que se intensificou a partir dos anos 1980. O distrito da Sé, onde estavam localizados, mantém até hoje as taxas negativas de crescimento surgidas há mais de trinta anos¹.

Há um momento ainda incerto na história no qual os caminhos dos edifícios-irmãos se bifurcam. Enquanto o São Vito entrou em um círculo vicioso de desvalorização e degradação, principalmente nos anos 1980 e 1990, o vizinho Mercúrio seguiu seu caminho sem grandes complicações. Com a desqualificação do entorno, o São Vito passou a sofrer com a má administração a que estava sujeito. Nessa época, tornaram-se comuns as ligações clandestinas de energia elétrica, a contaminação da água e a acumulação de lixo. À degradação física seguiu-se uma deterioração simbólica, que transformou o São Vito em sinônimo de problema: nascia na cidade o temido “treme-treme”, no qual, segundo a mitologia popular, viviam apenas pessoas de moral duvidosa, e onde só se podia entrar com o aval de algum morador.

Quando entramos pela primeira vez no São Vito, em 2007, ele já estava desocupado e lacrado havia três anos, à espera de que debates políticos travados em gabinetes decidissem o seu destino. Também como em outras metrópoles, o centro de São Paulo passava a ser alvo de projetos de revitalização que, em geral, se traduzem em aumento da especulação imobiliária e mudança no perfil da população local.

Entramos no edifício movidos pela vontade de entender um pouco mais sobre as dinâmicas da cidade: o gigante de concreto, ao ser desprovido de sua utilidade, transformava-se em um monumento ao vazio, à transitoriedade da metrópole. Percorrendo as suas entranhas, no entanto, descobrimos que o suposto vazio estava, na realidade, preenchido por inúmeros vestígios, sinais de vida deixados para trás por seus antigos habitantes: móveis, cadernos, fotos, livros, documentos – uma série de traços de existência, pistas que nos deixavam ainda mais curiosos em relação às pessoas que o teriam ocupado.

Enquanto explorávamos os corredores e apartamentos abandonados do São Vito, descobrimos logo ao lado o Mercúrio, que passava então pelo mesmo processo que atingira o vizinho alguns anos antes. Em 2008, a nova gestão municipal decidira pela demolição do São Vito, e essa medida incluiria, necessariamente, os edifícios vizinhos. Fomos atraídos de imediato pela possibilidade de acompanhar de perto o processo que tentávamos a princípio reconstruir no São Vito.

Colado ao São Vito, o Edifício Mercúrio havia, até então, seguido a sua trajetória de forma relativamente independente, apesar de haver sido muitas vezes confundido pela população e incluído na alcunha de “treme-treme” que, a rigor, só cabia ao primeiro. Quando tocamos à sua porta, fomos recebidos por famílias de trabalhadores do Centro, a maioria informais, que pagavam aluguel e dependiam da localização central para sobreviver. Todas essas pessoas viram-se, de uma hora para outra, envolvidos em um processo político com o qual não tinham qualquer familiaridade: perderiam suas casas (isso já era inevitável, apesar da esperança que muitos ainda nutriam de que o edifício não fosse desocupado), e tentavam lutar para que alguma garantia lhes fosse dada pelo poder público.

Dali em diante, passamos a frequentar as suas casas com alguma regularidade, registrando quando sentíamos necessidade e deixando as câmeras de lado quando elas se mostravam dispensáveis. Criou-se assim uma relação que, por muitas vezes, não fomos capazes de definir com clareza. Em um momento cheio de incertezas e promessas que quase nunca se cumpriam, decidimos nos colocar no papel de porta-vozes daquele grupo de pessoas, com o objetivo talvez inocente de realizar uma denúncia, e assim, quem sabe, inverter os rumos da metrópole.

Na madrugada de 11 de fevereiro de 2009, a Guarda Civil Metropolitana ocupou o prédio e retirou os últimos moradores que restavam. Nesse momento, nós não estávamos presentes; fomos encontrá-los novamente no dia seguinte, e buscamos reconstruir um pouco do trauma pelo qual haviam passado.

A primeira parte do projeto se concentra, portanto, sobre esse momento de transição (e de mais uma migração, por que não?). A pesquisa se transformou em um ensaio fotográfico e em uma instalação em vídeo, que foram expostos em 2009, na Galeria Olido, em São Paulo, integrando a mostra coletiva “Habite-se”, que reuniu uma série de trabalhos que discutiam a situação dos dois edifícios. O ensaio também foi incorporado à exposição itinerante “Laberinto de Miradas”, que percorreu diversos países da América Latina e Europa.

Parte 2

Dois anos separam a desocupação do Mercúrio e a demolição dos edifícios. Nesse período, o Mercúrio seguiu mais uma vez a sina do vizinho São Vito: por anos, ambos aguardaram, sólidos e vazios (mas cheios de significados), o destino que se decidia dentro dos gabinetes.

O início das obras de demolição, no final de 2010, fez com que o tema voltasse à tona, e isso despertou em nós a vontade de retomar o projeto. Dessa vez, no entanto, tínhamos a consciência de que, mais do que uma denúncia objetiva, o que nos interessava era a relação que havíamos construído tanto com os edifícios quanto com as pessoas que os habitavam – uma relação afetiva e, portanto, extremamente subjetiva.

Assim, passamos a direcionar o nosso olhar mais para um enfoque memorial do que para uma suposta história objetiva. Como toda memória, portanto, o trabalho atual se constrói a partir de fragmentos que ora se encaixam em harmonia, ora se chocam produzindo uma infinidade de interpretações.

A partir da proposta de construir um arco de memória entre a existência e a desaparecimento dos dois edifícios, fomos produzindo uma série de peças para um quebra-cabeças eternamente incompleto: o terreno vazio, um ninho de ferro feito das entranhas dos edifícios, o álbum de família desconstruído pelo olhar externo, uma série de daguerreótipos. Estes, irreprodutíveis, são aqui apresentados na forma de uma descrição sintética dos objetos que representam: itens corriqueiros que adquirem força simbólica a partir da relação afetiva que despertam em seus proprietários.

Também nos chamou a atenção o fato de que até mesmo a memória digital hiper-real do Google Earth acaba por ser tão fragmentada e incompleta como a memória humana: um sobrevoo pela região onde se localizavam os edifícios ainda os mostra intocados, e um passeio pelo entorno, utilizando o Street View e produzido em um intervalo de menos de dez minutos, mostra imagens da demolição em fases bastante distintas.

Na década de 1960, a expectativa de vida de um paulistano era, ao nascer, de aproximadamente 65 anos¹. Nem o São Vito, nem o Mercúrio corresponderam a essa estatística. Na ansiedade do progresso, a metrópole busca se reconstruir o tempo todo, transformando a cidade em um imenso palimpsesto, “memória viva de um passado já morto”³. Apagados os edifícios, a paisagem, testemunha das tensões humanas, se ressignifica. O tempo da metrópole é implacável; resta a memória.

1 Fonte: Histórico Demográfico do Município de São Paulo: <http://sempla.prefeitura.sp.gov.br/historico/>; 2 Fonte: SIURB / Prefeitura de São Paulo: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/infraestrutura/noticias/index.php?p=27745>; 3 Marc Bloch, citado por Milton Santos em “A Natureza do Espaço”.

* Esse projeto foi parcialmente financiado por meio de doações voluntárias realizadas a partir do site Catarse.me.